



Prefácio de *Ao lado dos pobres:* *Teologia da Libertação*

Josef Sayer¹

Dois teólogos escreveram neste livro: o conhecido teólogo da libertação peruano Gustavo Gutiérrez, com mais de 76 anos de idade, e o professor muniquense de Dogmática Gerhard Ludwig Müller, nomeado bispo de Regensburg em 2002. Dois teólogos oriundos de duas diferentes experiências do mundo. Ao mesmo tempo, no pensamento destas duas pessoas unidas pela amizade (Gutiérrez concelebrou durante a ordenação episcopal de Gerhard Ludwig Müller) há importantes paralelos e convicções fundamentais comuns.

Pessoalmente, encontrei-me com Gustavo Gutiérrez pela primeira vez em 1978, por ocasião de uma entrevista. Tive uma dupla impressão: eis uma pessoa que lida apaixonadamente com a pergunta: “Como se pode falar do amor de Deus perante a miséria dos pobres e a injustiça do mundo?”. Desde então, esta pergunta fundamental da Teologia da Libertação me tem acompanhado também. E a segunda impressão: uma entrevista é um método impróprio para um encontro com Gustavo Gutiérrez. Durante meu trabalho posterior no Peru, tive diversas ocasiões de conhecer Gutiérrez em conferências e cursos, celebrações litúrgicas e no meio dos pobres. A proximidade em relação aos pobres caracteriza-o: ao lado de – ou mais acertadamente se deveria dizer: justamente *por causa de* – sua atividade teológica, ele era também padre em uma favela. Assim, em suas reflexões teológicas, ele sempre surpreende com exemplos tirados dessa práxis. Uma prova: “Uma senhora da favela ensinou-me que o contrário de ‘alegria’ não é o ‘sofrimento’, mas a melancolia. Quem cai na melancolia, já não vê nenhum futuro, não tem esperança alguma. O povo sofredor, os pobres têm esperança, e suas celebrações litúrgicas são cheias de beleza, esperança e alegria. Pobres celebram festas cheias de alegria”.

Gutiérrez ressalta sempre de novo quanto ele aprende com os pobres, vendo neles realmente sujeitos. A vida deles não o deixam em paz desde seu retorno do Peru à Europa. Sua particular habilidade para a percepção e análise da realidade social e das condições de vida dos pobres foi também o que o fez tornar-se “pai da Teologia da Libertação”: em 1968, ele devia fazer uma conferência – correspondente ao espírito do tempo daquela ocasião – sobre a “Teologia do Desenvolvimento”. Modificando o tema a partir de sua visão, Gutiérrez moldou a

¹ Este texto é o Prefácio da obra de Gustavo Gutiérrez & Gerhard Ludwig Müller: *Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação* (Paulinas Editora, no prelo). O Prof. Dr. Josef Sayer, autor do prefácio, é presidente da Obra Assistencial Misereor.

conferência para “Teologia da Libertação”. Posteriormente, ele expandiu as ideias fundamentais da exposição em um livro de mesmo nome e, no decorrer dos anos, criou uma obra científica que fez história na teologia.

Para muitas pessoas, ela representa uma das mais inovadoras iniciativas teológicas do século XX. Como toda “nova” teologia, também a Teologia da Libertação precisou prestar contas a si mesma e à Igreja de quanto nela são reconhecíveis e atuantes os elementos essenciais da tradição cristã. A Teologia da Libertação ofereceu essa prova não por último através das obras de Gutiérrez, nas quais o compromisso com os pobres se liga a profundas espiritualidades e místicas católicas – no melhor sentido. A importância epocal da Teologia da Libertação consiste em que ela ajudou a Igreja a redescobrir o empenho pela justiça e o anúncio abrangente da boa-nova com os pobres e especialmente através deles como um de seus imperativos substanciais. As intuições centrais da Teologia da Libertação – a reflexão sobre o crescente abismo entre pobres e ricos, as estruturas de pecado e a opção preferencial de Deus pelos pobres – foram particularmente frutuosas na doutrina e no anúncio do Papa João Paulo II. Quando alguém demonstra a Gustavo Gutiérrez que a Teologia da Libertação já não é praticamente mencionada, que ela teria deixado para trás seus melhores tempos, o teólogo peruano responde sorridente que alguém fala sempre de novo dela, até mesmo o próprio papa, quando se empenha incessantemente pela opção preferencial pelos pobres e por seus direitos. Ele não se importa com o nome “Teologia da Libertação”. Gustavo Gutiérrez enfatiza isso repetidamente. Importa-lhe a realidade vital dos pobres. Enquanto esta for, como sempre, má e deplorável – literalmente –, as preocupações da Teologia da Libertação conservam-se vivas.

Nesse sentido, a Teologia da Libertação, a miúdo dada como morta por partes interessadas, encontra-se ainda bem no começo de um longo caminho. Em sua história atual, de cerca de 35 anos, ele tem a mostrar – acima de tudo na Igreja Católica Latino-americana, mas não somente ali – consideráveis conquistas. Em 1968, os bispos da América Latina reuniram-se na cidade colombiana de Medellín. Essa assembleia vale como o momento oficial do nascimento de um movimento que hauriu do Evangelho não somente o ditame do auxílio caritativo para os pobres, mas também de realizações concretas transformadoras da sociedade.

A pobreza e a injustiça espalhadas por este continente “católico” – bem como além dele – certamente estão longe de ser superadas, mas no interior da teologia e da Igreja a postura diante da pobreza e da miséria mudou decisivamente. A Igreja e a teologia conscientizaram-se de que o crescente abismo entre pobres e ricos não representa apenas uma consequência mais ou menos casual de circunstâncias econômicas e sociais, mas é expressão de pecado estrutural, que contradiz a ordem da criação; em última análise, uma blasfêmia. A existência da pobreza e da injustiça não é simplesmente uma questão ético-social ao lado de outras. Ao contrário, a Teologia da Libertação deixa claro que, com isso, encontra-se em jogo a pergunta por Deus mesmo. Por conseguinte, trata-se não somente do sétimo mandamento, mas também, e em primeira linha, do primeiro. A pretensão absolutista do deus mercado, que domina os interesses vitais fundamentais de grande parte da humanidade, está em contradição com a confissão

de um único Senhor do mundo e da história, o qual se mostrou e provou ser aquele que toma o partido dos pobres e dos excluídos.

Gustavo Gutiérrez fundou uma teologia que toma como ponto de partida a experiência dos pobres com Deus e da “experiência de Deus” com os pobres: como se pode fazer do amor de Deus perante a miséria dos pobres? Como fica a esperança dos pobres? Nos trabalhos teológicos de Gustavo Gutiérrez espelha-se o pensar sobre – mas também *dos* – pobres do Peru e do mundo afora, sobre seu passando, seu presente e seu futuro. Essa reflexão sobre a frequente injustiça e miséria dos pobres poderia indubitavelmente levar à depressão, até mesmo ao desespero, caso os próprios pobres não compreendessem seu passado, seu presente, acima de tudo, porém, seu futuro à luz de sua fé em Deus – e se eles não experimentassem Deus como um Deus que está ao lado deles. Gustavo Gutiérrez passou essa esperança dos pobres para a teologia e transformou-a em uma linguagem sistemático-teológica. Desse modo, fez-nos compreender que os pobres têm um futuro, não, certamente, porque eles seriam “moralmente” bons ou em razão de seus méritos ou capacidades, mas porque Deus é bom e quer assim. Em Jesus Cristo, ele retratou sua opção preferencial por eles.

Gerhard Ludwig Müller conheceu Gustavo Gutiérrez pessoalmente em 1988, justamente por ocasião de um seminário teológico de cinco semanas para professores de teologia de língua alemã, no Peru. Após intensiva preparação comum e familiarização com a obra teológica de Gustavo Gutiérrez, estes professores chegaram ao Peru, mergulharam nas realidades sociais e pastorais das paróquias das favelas, até as comunidades camponesas nos Andes peruanos. Depois de outra fase intensiva da reflexão teológica dessa experiência prática, seguiu-se uma semana de oficina intensiva com Gustavo Gutiérrez em Lima. Esses dias inteiros de discussão teológica com Gustavo Gutiérrez constituíram não só o fundamento de um relacionamento e de uma amizade duradoura entre ambos os teólogos, mas abriram também uma dedicação de Müller à Igreja e à teologia da América Latina. O que é altamente incomum para um professor de uma universidade alemã, tornou-se para ele uma repetidamente natural: durante uma série de 15 anos, ele passou de seis a oito semanas de seu tempo livre de aulas na América Latina, ensinou em diversos seminários diocesanos, principalmente em Cuzco, no Peru, deu cursos de verão para candidatos ao sacerdócio e – o que deve ser especialmente enfatizado – ele conheceu, de forma direta, a realidade vital dos pobres. Ocasionalmente, Dom Müller passava semanas em paróquias de camponeses entre 3.000 e 4.300 metros de altura, compartilhava a vida dura e cheia de privações desses pobres, visitava, também, por íngremes caminhos montanhosos as mais remotas aldeias e dormia no chão batido das casas de barro dos camponeses.

Fazer teologia latino-americana, no sentido da Teologia da Libertação, significa apreender a realidade vital dos pobres e fazer dela o ponto de referência da reflexão teológica. De algum modo, fazer teologia significa unir intimamente fé e vida. Aqui, Müller aplica de modo concreto o que ele havia discutido com Gutiérrez em muitos encontros. Sua origem de uma família de trabalhadores, que teve de suportar as privações do período do pós-guerra, ajudou Müller a expor-se de modo tão conseqüente à realidade vital dos pobres. Em diversas conferências na Europa e em uma série de escritos, Müller propugnou por melhor compreensão da Igreja e da teologia latino-americana, especialmente pela teologia tal como Gustavo Gutiérrez desenvolvia.

Se a Teologia da Libertação, tal como Gutiérrez a ensina, por razões óbvias, refere-se a situações e fatos da América Latina, ao mesmo tempo, porém, ela deixa fundamentalmente claro – em suas publicações sobre o tema, Müller sempre procurar demonstrar isso – que a Igreja, em toda parte no mundo, não deve apenas reportar-se a si mesma, interessar-se somente por seus próprios adeptos. Ela tem um compromisso com toda a humanidade e com a sociedade concreta na qual ela vive e existe. Ser cristão implica sempre engajar-se pelos direitos fundamentais políticos, econômicos, sociais e culturais do ser humano e por sua dignidade como filho de Deus – e com isso, por uma sociedade humana.

O presente livro *Ao lado dos pobres: Teologia da Libertação* é o fruto da reflexão dos dois teólogos, Gutiérrez e Müller. Ele esclarece o papel da Igreja e da teologia na época de uma globalização de estilo neoliberal, fixada unilateralmente no aspecto econômico. Com a queda da cortina de ferro e a derrocada das ditaduras comunistas, muitos profetizaram a vitória definitiva do capitalismo. Contudo, essa abrangente globalização unilateralmente econômica deve ser iluminada e avaliada à luz dos princípios da justiça social, conforme João Paulo II, em seu ensinamento social e em diversos discursos em suas viagens não se cansa de sublinhar. Nesse contexto, deve-se atentar especialmente para a opção preferencial pelos pobres e a análise da realidade à luz da Bíblia. Nisto se fundamenta o princípio de uma teologia cristã hodierna da libertação. Gutiérrez esclarece isso de modo especial em seu substancial artigo “Onde dormirão os pobres?”, que ele expôs no quadro de um colóquio teológico de três dias com pequeno círculo de amigos, *na presença do Cardeal Ratzinger*, o prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. No livro *Sal da terra*, o Cardeal Ratzinger responde explicitamente a Gustavo Gutiérrez: “Entramos em diálogo com ele – algo que também conduzi, em parte, pessoalmente – e nisso chegamos a um entendimento cada vez melhor. Isto nos ajudou a compreendê-lo, e ele, por outro lado, percebendo a unilateralidade de sua obra, continuou a desenvolvê-la em uma forma de ‘teologia de libertação’ apropriada e capaz de integração”.

Este livro indaga pela importância da Teologia da Libertação para a teologia atual como um todo e para a vida eclesial hodierna, e considera a Teologia da Libertação como tarefa eclesial necessária e integral. Em sua “mensagem ao mundo”, pouco antes do começo do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII falava da Igreja como “especialmente Igreja dos pobres”. Os primeiros frutos dessas exortações foram as constituições conciliares “Lumen Gentium” e “Gaudium et Spes”. Mais adiante, esses estímulos fundamentais – também sociais – do Concílio continuaram a produzir efeitos na Teologia da Libertação da Igreja na América Latina. E enquanto houver a abismal injustiça, bem como as doenças que levam à morte dos pobres, porque não são tratadas como resultantes da injustiça, e outras desigualdades na figura de mais de 830 milhões de famintos pelo mundo afora, apesar de uma riqueza como jamais se viu, e também doença e discriminação, deve haver e haverá também a Teologia da Libertação, pois Deus, em Jesus, libertou-nos para a liberdade (cf. Gl 5,1).